

O CONTEXTO DA ALTERIDADE NO COSMOPOLITISMO DAS FRONTEIRAS: ESBOÇO PARA UMA ETNOGRAFIA URBANA NO NORTE BRASILEIRO

Jesus Marmanillo Pereira  
Universidade Federal do Maranhão

submissão: 11/03/2021 | aprovação: 21/07/2021

RESUMO

O texto traz uma narrativa etnográfica que busca refletir sobre a possibilidade de inversão da ideia de cosmopolitismo metropolitano e alteridades mínimas, pensando tais aspectos nas situações de migração de pessoas dos centros para cidades pequenas no Norte do Brasil. Para tanto, baseando-me, principalmente, na noção de cosmopolitismo de fronteira (Agier 2016) e na problematização a respeito dos deslocamentos da história da alteridade no Brasil de lugares distantes para os centros metropolitanos (Peirano 2000). Assim, parto de uma ideia de cidade plural que emerge de frentes de expansão (Martins 2018) que possibilitam o encontro com o outro, cosmopolitismos e construção de barreiras étnicas (Barth 2000). O trabalho de campo teve como fundamento observações e coletas de dados realizadas nas cidades de Boa Vista e Rorainópolis, ambas em Roraima. Nessa perspectiva, observo que as classificações e esforços de fixação da cultura em determinados espaços apontam para a necessidade do debate sobre as implicações políticas e ideológicas no âmbito das pesquisas sobre as cidades, ou seja, exigem descolonizar uma ideia de urbano, e de Região Norte, para que seja possível considerar e respeitar o outro, integrado no contexto plural e cosmopolita amazônico.

Palavras-chave: Alteridade; Cidade; Fronteira.

THE CONTEXT OF OTHERNESS IN THE COSMOPOLITANISM OF BORDERS: OUTLINE FOR AN URBAN ETHNOGRAPHY IN NORTHERN BRAZIL

ABSTRACT

The text brings an ethnographic narrative that seeks to reflect on the possibility of inverting the idea of metropolitan cosmopolitanism and minimal alterities, considering such aspects in situations of migration of people from the centers to small towns in Northern Brazil. For that, based mainly on the notion of frontier cosmopolitanism (Agier 2016) and on the problematization of the shifts in the history of alterity in Brazil, from distant places to metropolitan centers (Peirano 2000). Thus, I start from an idea of a plural city that emerges from expansion fronts (Martins 2018) that enable the encounter with the other, cosmopolitanism and the construction of ethnic barriers (Barth 2000). The field work was based on observations and data collection carried out in the cities of Boa Vista and Rorainópolis, both in Roraima. From this perspective, I note that the classifications and efforts to fix culture in certain spaces point to the need for a debate on the political and ideological implications in the context of research on cities, that is, they demand to decolonize an idea of the urban, and of the North Region, so that it is possible to consider and respect the other, integrated in the plural and cosmopolitan Amazon context.

Keywords: Otherness; City; Border.

EL CONTEXTO DE LA ALTERIDAD EN EL COSMOPOLITISMO DE FRONTERAS: ESQUEMA DE UNA ETNOGRAFÍA URBANA EN EL NORTE DE BRASIL

RESUMEN

El texto trae una narrativa etnográfica que busca reflexionar sobre la posibilidad de invertir la idea de cosmopolitismo metropolitano y alteridades mínimas, considerando tales aspectos en situaciones de migración de personas de los centros a pequeños pueblos del norte de Brasil. Para eso, basado principalmente en la noción de cosmopolitismo de frontera (Agier 2016) y en la problematización de los cambios en la historia de la alteridad en Brasil, de lugares lejanos a centros metropolitanos (Peirano 2000). Así, parto de una idea de ciudad plural que surge de frentes de expansión (Martins 2018) que posibilitan el encuentro con el otro, el cosmopolitismo y la construcción de barreras étnicas (Barth 2000). El trabajo de campo se basó en observaciones y recolección de datos realizadas en las ciudades de Boa Vista y Rorainópolis, ambas en Roraima. Desde esta perspectiva, observo que las clasificaciones y los esfuerzos por fijar la cultura en determinados espacios apuntan a la necesidad de un debate sobre las implicaciones políticas e ideológicas en el contexto de la investigación sobre ciudades, es decir, demandan descolonizar una idea de ciudad, lo urbano, y de la Región Norte, para que sea posible considerar y respetar al otro, integrado en el contexto plural y cosmopolita de la Amazonía.

Palabras clave: alteridad; Ciudad; Frontera.

1 INTRODUÇÃO

Partindo de algumas inquietações sobre a questão da alteridade (Peirano 2000) e dos cosmopolitismos de fronteira (Agier 2016), este artigo reflete sobre as possibilidades de inversão imaginária do eixo nativo distante-metrópole para pensar realidades empíricas que são marcadas pela migração, por fronteiras culturais e pluralidades. Com esse objetivo, tomo como campo as observações realizadas na cidade de Rorainópolis, em Roraima, local que, de acordo com os estudos de Martins (2018), pode ser compreendido como uma fronteira, ou seja, o lugar da alteridade e do encontro. Assim, partimos de uma ideia de cidade plural que emerge de frentes de expansão (Martins 2018) que possibilitam o encontro com o outro, cosmopolitismos e construções de barreiras étnicas (Barth 2000).

Trata-se, dentre outras coisas, de um exercício de rompimento com um viés reificador que naturaliza as cidades amazônicas como exóticas, isoladas e distintas em relação ao cosmopolitismo metropolitano. Mais que reafirmar essa ideia difundida no senso comum e nos grandes projetos que entendem o Norte como espaço vazio, parto da experiência, aspecto valorizado nos estudos de Agier (2016) sobre os cosmopolitismos que ocorrem nas fronteiras. Quero deixar claro que não se trata apenas de fronteiras geográficas

e externas ao grupo e à cidade, mas sociais e internas dentro dos próprios processos analisados.

Em viés similar, que toma as relações sociais como elementos definidores das fronteiras e da alteridade, valho-me das contribuições dos estudos de Peirano (2000), Gupta e Ferguson (2000) e Barth (2000), dentre outros que problematizam as relações espaciais nas Ciências Sociais e a fixação da cultura nos estudos sobre alteridade. De modo geral, tais autores descortinam as relações existentes entre a produção teórica e a dimensão política incrustada na formação da Antropologia, desde a formação clássica da disciplina.

A análise parte de registros fotográficos produzidos durante a pesquisa de campo e da observação do cotidiano. Tanto os registros quanto a observação foram realizados no período de seis meses ininterruptos. Constam também, entre os materiais, recortes jornalísticos, dados oficiais de órgãos como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dados da 3ª Companhia Independente de Polícia Militar e Secretaria Municipal de Saúde de Rorainópolis (SEMSA). Considerando o diálogo entre o referencial e a experiência de campo, organizo o argumento do referido estudo em três partes: 1) Desenvolvimento breve dos aspectos da referência adotada; 2) Contextualização teórica, por fim, 3)

Viés situacional e de experiência para refletir sobre as repercussões cotidianas.

2 NO CAMINHO DE RORAINÓPOLIS: A FRONTEIRA E O ENCONTRO COM O OUTRO¹

Baseado nos estudos sobre o cosmopolitismo nas fronteiras (Agier 2016), traçarei um quadro dos primeiros contatos e impressões na cidade de Rorainópolis. Isso porque Agier (2016) pensa as situações de fronteira de acordo com os processos migratórios e a fluidez dos papéis sociais. Ele explica que isso ocorre no encontro com o outro em lugares distintos, como hospitais, campos de refugiados e outros contextos e situações que caracterizam a interação entre esse eu e o outro.

Assim, a ideia de fronteira estaria presente não apenas nos lugares, mas também nos atores sociais e na maneira como eles mobilizam suas características de origem e as novas situações. Agier (2016) apresenta o exemplo do Hospital de Gaza, em Beirute, composto de 11 andares que acomodavam cerca de 500 refugiados libaneses, iraquianos, sírios, egípcios, sudaneses e bengalis. Ele enfatiza que se tratava de um contexto de

imigração e cosmopolitismo materializado na experiência com o outro, e nas formas de organização e hierarquização advindas dela. Um lugar de alteridade marcado na relação dos chegantes com os estabelecidos.

Nesse viés, é importante esclarecer ao leitor que a região na qual se localiza a cidade que abordo foi marcada pela migração de professores oriundos de diversas partes do Brasil, devido ao Programa de Apoio à Reestruturação e Expansão da Universidade Federal (Reuni), que resultou na criação de instituições de ensino superior públicas², como a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), em 2009, e a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), em 2014. A Universidade Federal do Amazonas (UFAM) expandiu-se da capital para os municípios de Itacoatiara, Benjamin Constant, Parintins, Humaitá e Coari. Em Roraima, a universidade federal herdou sete novos cursos de graduação. A bordo desse processo, a Universidade Estadual de Roraima (UERR) realizou um grande concurso em 2011 e criou cursos nas cidades de Caracaraí, São João da Baliza, Pacaraima, Normandia e Rorainópolis.

1 É importante ressaltar que o presente estudo não faz parte de nenhum projeto mais amplo, e que está ancorado em um exercício de redimensionamento teórico e amadurecimento da percepção sobre uma experiência vivida na referida cidade, que já resultou em um primeiro exercício de problematização presente no artigo “Lógicas imagéticas de uma sociedade interiorana: usos da fotografia e narrativa visual no Brasil Setentrional”, em que tateava e incursionava a questão da fronteira.

2 Mais informações sobre o programa e seus impactos nas regiões Norte e Nordeste podem ser consultadas no estudo de Trombini, Rocha e Lima (2020).

Embora não esteja diretamente vinculada ao Reuni, essa instituição também recebeu, direta ou indiretamente, investimentos federais e integrou-se nesse processo de expansão, atraindo professores de vários estados do Brasil. Segundo Lima et al. (2016), a economia do estado entre 2000 e 2013 era inexpressiva, e as principais receitas eram obtidas por meio de transferências de recursos dos fundos de participação dos estados. Nesse sentido, destaca-se que, em 2013, a UERR recebeu uma transferência de R\$ 29.139.139,00. Na reportagem “Em RR, servidores e alunos denunciam obras paradas na UERR”³, verifiquei que os *campi* de Caracarái, Mucajaí e Alto Alegre estavam diretamente vinculados a recursos federais.



Imagem 1 - Campus novo da UERR na cidade de Caracarái. Foto: Do autor, 2012.

³ <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2013/06/em-rr-servidores-e-alunos-denunciam-obras-paradas-na-uerr.html>.

A expansão da UERR pelo interior de Roraima acarretou a criação de novos postos de trabalho. Na imagem 1 é possível ver o Campus de Caracará inaugurado em 2012. Diante do processo de expansão, a instituição lançou um edital, no segundo semestre de 2011, para o preenchimento de 97 vagas. Nesse período, foi criado um curso de Sociologia na cidade de Rorainópolis que, apesar de existir desde 2006, foi influenciado pelo processo mais amplo ocorrido no estado.

Tive a oportunidade de observar, preliminarmente, o cosmopolitismo de fronteira quando passei três dias em um alojamento coletivo construído em uma das salas do campus da Universidade Estadual de Roraima (UERR) em Boa Vista. O alojamento tinha a função de receber os candidatos de outros estados

e constituiu-se uma experiência que pode ser relacionada de forma direta aos estudos de Agier (2016).

O alojamento consistia de uma sala retangular cujo espaço foi totalmente utilizado na distribuição de sete beliches. Eles ficavam paralelos entre uma porta, área comum no interior do prédio, e uma janela que possibilitava ver outras edificações do campus. Em frente ao beliche, havia cerca de 1 metro até uma parede onde se localizava a porta para um banheiro coletivo, com muitos compartimentos, chuveiros e pias.

No prédio existiam quatro alojamentos, desses com cerca de quatro ou cinco candidatos cada um. No alojamento em que fiquei, tive a oportunidade de dividir o espaço com dois candidatos do Rio Grande do Sul, um de São Paulo e um de Goiás,



Imagem 2 - Alojamento



Imagem 3 - Jantar dos candidatos

Fotos: Do autor, 2012.

que eram das áreas de Educação Física e Filosofia. Já no alojamento vizinho, estavam candidatas do Amazonas, Rio Grande do Sul e Brasília. No dia seguinte, um candidato manauara prejudicou-se ao se atrasar para o início das provas. O atraso foi resultante de um bloqueio em terras indígenas no Sul do estado. Como mencionado, foram três dias que sinalizaram as trocas provenientes do cosmopolitismo do lugar, e das inúmeras fronteiras culturais estabelecidas entre pessoas provenientes de diversos locais do Brasil. Na imagem 2 observa-se (da esquerda para direita) candidatos do Amazonas, Distrito Federal, São Paulo, Maranhão e Rio Grande do Sul. Apesar do momento de descontração, no decorrer das etapas, as diferenças e similaridades foram sendo evidenciadas aos poucos.

Se externamente os candidatos constituíam o elemento novo naquela paisagem, representando uma semana de ruptura com o cotidiano dos comerciantes locais, a convivência intensa durante o processo permitiu constatar conflitos que ressaltavam a competição pela vaga e as diferenças de humor na forma como percebiam a situação e como se percebiam. Mais que diferentes fenótipos, observei um encontro de várias regiões em um único lugar. Por outro lado, o deslocamento de pessoas de várias capitais para uma capital menor (em população absoluta) e recente (em termos de

fundação) serve como um importante ponto de reflexão sobre o lugar da alteridade. Isso porque o cosmopolitismo nas fronteiras possibilita deslocar o eixo da história de nossa Antropologia nacional, narrada primorosamente por Peirano (2000), ou aquela Sociologia urbana que busca enquadrar qualquer metrópole ou cidade média no modelo de Chicago.

Grosso modo, isso ocorre quando se tira a exclusividade do cosmopolitismo e processos migratórios em direção aos centros econômicos, para pensar o movimento no sentido oposto, dos centros econômicos para as cidades pequenas da Região Norte. Trata-se de lugares cuja alteridade máxima tem um movimento dialógico em que o outro não pode ser pensado no singular, nem como se seguisse uma rota linear e única para os grandes centros. Por mais que as universidades interioranas funcionem muitas vezes como locais de mediação e um passo dentro da carreira para chegar a esse fim, tais instituições e cidades podem ser compreendidas na relação entre cosmopolitismo e migração para as fronteiras geográficas e sociais.

Aproximadamente um ano após esse concurso fui convocado e lotado na cidade de Rorainópolis, localizada a 260 km de Boa Vista e a 495 km de Manaus, no Amazonas. Assim, entre o domingo de 22 de julho de 2012 e a última semana daquele ano, pude observar o contexto cotidiano daquela

cidade e do trabalho na UERR. Em seguida, em 2013, minha semana se dividia em dois dias em Rorainópolis e cinco em Boa Vista.

Do primeiro dia de contato com a cidade na qual fui lotado, recordo-me que, após uma manhã inteira de deslocamento no sentido Norte-Sul pela BR-174, cheguei em companhia de um professor de Boa Vista, que agilmente me direcionou para o “restaurante do Ceará” e, posteriormente, para o campus da universidade estadual e, que depois desapareceu seguindo viagem pelo caminho que me trouxe. A situação me fez lembrar do relato de Malinowski⁴, quando sinalizou a própria solidão ao observar o barco que o deixou, afastando-se das ilhas Trobiand e perdendo-se no horizonte do mar. O sentimento de isolamento e distância foi otimizado, também, pelo fato de o lugar não dispor de sinal de dados para a operadora de celular que eu utilizava, e os únicos aparelhos de telefone estarem nos órgãos oficiais da cidade (Universidade, Prefeitura etc.), de acesso impossibilitado naquele dia de domingo.

Com a sensação de isolamento e a comunicação cortada naquela cidade incrustada no meio da floresta, restou-me a realização de alguns registros fotográficos, o tempo de reflexão sobre a decisão

de ter optado por aquele local, em detrimento do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), localizado na cidade de Timon. Assim, naquela instituição adaptada em um prédio de três blocos térreos, que abrigou um colégio estadual, fiquei por cerca de uma semana em um alojamento construído dentro de uma sala de aula. Tratava-se de um “cômodo” com três camas de solteiro, ar-condicionado, um frigobar, uma prateleira e um banheiro anexo. Além dos vigilantes e de mim, havia uma família paranaense, acomodada em outra sala, e composta de um casal e duas crianças. A mulher chamava-se Patrícia Hebert Pilonetto e, assim como eu, permanecia no local por causa do concurso público.



Imagem 4 – Alojamento da universidade.
Foto: Do autor, 2012.

4 “Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista.” (Malinowski 1984:19).

Se o primeiro contato foi marcado pela noção de isolamento⁵, o momento levou a uma alteração na minha percepção, ou seja, permitiu-me a reflexão posterior sobre o lugar como fronteira de encontro e não como local isolado, considerando-se que a comunicação com diferentes culturas e regiões era possível por meio do contato face a face. Apesar de não ter comunicação com o restante do Brasil, aquele domingo no interior do estado de Roraima foi marcado pela construção de uma socialização entre um nordestino e uma família do Sul, em um esforço cooperativo de ajuda mútua.

Entre um corredor “habitacional”, a sala de aula, a sala de professores e a direção, eu me desloquei durante uma semana até encontrar uma espécie de quitinete próxima da universidade. Conhecida como Estância, essa habitação simples era associada historicamente aos trabalhadores responsáveis pela construção da BR-174. O termo era instigador, já que foi a primeira vez que tive contato com essa palavra que estava diretamente ligada à cultura gaúcha. O fato de viajar da Região Nordeste para o Norte brasileiro para ter conhecimento de um termo da Região Sul foi um importante sinal do fluxo de pessoas e da necessidade de pensar a cultura na experiência e nos deslocamentos das pessoas.

A primeira estância apresentava estrutura úmida, escura, quente e insalubre, e logo optei por uma habitação mais estruturada. Essa última me foi indicada por uma professora que já havia residido no local. A minha nova residência era conhecida como “Estância do Pantho”. Pantho era o apelido de Francisco Alencar do Nascimento, funcionário público municipal e percebido como um proeminente investidor em habitações destinadas aos migrantes. Apesar de não dispor de portão, o local era seguro e tinha boa vizinhança, composta de um policial civil casado com uma aluna da UERR, de um casal vindo da Paraíba, formado por uma professora do Instituto Federal e o vocalista da banda de Rock Dark V8 e de outro funcionário público, com o qual não tive muito contato. Todos tinham em comum o fato de serem de outras regiões e cidades.



Imagem 5- Estância do Pantho. Foto: Do autor, 2012.

⁵ Pela noite, a refeição foi em uma lanchonete na margem da BR-174, em frente à universidade. As luzes da universidade e do lugar de refeição pareciam pequenas ilhas em meio à escuridão da rodovia e à paisagem noturna.

Ao longo de seis meses, as três últimas portas dessa “estância” marcaram um espaço de convivência esporádica. Churrascos, conversas da tarde, dicas sobre a cidade e região, entre outras situações que reforçavam uma moral interna e relações de solidariedade. Desse pequeno núcleo consegui informações, contatos e compartilhamento de experiências que me auxiliaram na viagem para o litoral da Venezuela e para Manaus, o que demonstra que aquela pequena “sociedade do Pantho” não era desconectada de lugares além dos limites de Rorainópolis.

As experiências cotidianas remetem muito à ideia de cosmopolitismo de fronteira desenvolvida por Agier (2016), e de fronteira como lugar da alteridade (Martins 2016). Se o hospital de Gaza foi usado como exemplo de lugar no qual ocorria um povoamento histórico em que os primeiros que chegavam desenvolviam relações hierárquicas e de poder com os que vinham depois, inclusive na criação e acesso a determinados recursos, a experiência em Rorainópolis mostrou que as redes de relações interpessoais e de vizinhança possibilitavam uma forma de proteção, ao mesmo tempo em que, no campus da universidade, alguns professores migrantes buscavam instituir relações

de hierarquia dentro da instituição e no âmbito da própria cidade.

Assim, convém ressaltar que constatei que nas relações entre os professores universitários havia uma divisão clara entre os que habitavam em Rorainópolis e os que moravam na capital, embora fossem lotados na cidade. Esses eram vistos como esnobes e tratados preconceituosamente e sobre eles se dizia que “apareciam apenas para dar aula e depois partiam”.

Alguns professores migrantes estimulavam essa divisão ao mesmo tempo em que valorizavam a cidade por meio de declarações públicas e rotineiras. Um desses indivíduos era oriundo do estado de São Paulo⁶. Chegara um ano antes para ministrar disciplinas de Ciências Humanas. Nos poucos contatos sempre buscou transmitir a própria interpretação da cidade e das relações de gênero. Uma vez explicou: “Aqui em Rorainópolis as coisas funcionam desse jeito! Ou a pessoa se adapta ou se muda para outro lugar”. A esse portavoz autorizado, que tentou construir um cenário clássico de diferenciação entre o eu e o outro, indaguei se a cultura local seria algo estático e não seria passível de processos de negociação e conflito que lhe garantissem um caráter de construção

⁶ No Campus de Rorainópolis foi possível observar professores dos estados de Minas Gerais, Tocantins, São Paulo, Sergipe, Paraíba, Pernambuco, Paraná e apenas dois do próprio estado de Roraima.

constante e não de dado pronto⁷. A construção da afirmação era estruturalmente condicionada por essa Antropologia que busca mapear lugar da cultura, em vez de pensá-la no lugar, ou seja, carrega uma espécie de determinismos geográficos que aprisionam as capacidades criativas de dinâmicas dos processos culturais. Assim, não por acaso, o advérbio de lugar “aqui” era o componente que endossava toda a construção do argumento.

Apesar de as relações se tensionarem a partir daquele momento, a situação é rica para compreender o que Abu-Loghod (2012) e Gupta e Ferguson (2000) explicam sobre a fixação e manipulação de símbolos culturais em contextos de relação de poder. Estava claro que a preocupação com a hierarquia das posições era algo priorizado em relação à própria interpretação da cultura local. Tratava-se do primeiro docente da disciplina, do mais popular na cidade, de maior faixa etária e o único doutor. Mais que isso, selecionar determinados símbolos tomados como sinônimos de uma totalidade cultural em detrimento do ocultamento dos processos criativos que resultam na cultura demonstrou-se como uma atitude política, antes de tudo.

Uma questão que me fazia era: como poderia um migrante ter uma fachada tão adaptada à

realidade social local (em disputa)? Embora não tenha como responder tal questão, o contexto remete ao viés de Simmel (2005), quando nota que o aspecto transfronteiriço seria uma das principais características dos estrangeiros, atores sociais absolutamente móveis que têm contatos específicos, mas não se encontram vinculados organicamente a nada e a ninguém, nomeadamente, em relação aos estabelecidos parentais, locais e profissionais.

Ao fixar a cultura como algo estático e se pôr como um observador externo, o referido agente ritualiza a operação da Antropologia clássica de ser uma espécie de porta-voz do outro, descartando uma visão de cultura enquanto criatividade (Wagner 2012) para reforçar um exotismo que só existe na imaginação de quem percebe uma cidade isolada e autocontida, de quem não enxerga os fluxos de experiências e pessoas. Ao relacionar essa forma colonizadora de hierarquizar o outro com o estudo de Pereira (2018), observo que tanto a ideologia que torna o outro exótico e distante quanto a que reafirma a cidade sem diversidade carregam a matriz de pensamento moderno, o que condiciona, portanto, a alteridade de maneira caricatural e distante, como não participante do processo de construção da própria modernidade.

Trata-se de uma exclusão e de uma barreira

⁷ Não se pretende trazer uma generalização da postura migrante com base nessa situação descrita, mas enfatizar que foi algo recorrente ao longo dos seis meses de moradia no lugar.

epistêmica que ocasionam uma espécie de cegueira a ponto desses porta-vozes autorizados negarem qualquer tipo de contato e conservarem uma ideia positivista de pureza associada às narrativas que priorizam as culturas fixas, autocontidas e isoladas. Os estudos de Pereira (2012, 2018) já sinalizavam que a ideia de isolamento era totalmente fictícia, já que muitas residências da cidade dispunham de antenas de TV por assinatura e provedores de internet e os jovens seguiam uma estética global de cultura de rua que se repete em várias cidades. Nesse sentido, meu vizinho Bruno, fundador da banda Dark V8, migrante nordestino, é apenas um exemplo das conexões e comunidades imaginadas em torno de uma estética do rock'n roll e de uma cultura extremamente urbana, mas que também marcava as noites da cidade e os churrascos na Estância do Pantho.

O isolamento e a distância, tão característicos da alteridade extrema, que é uma característica da origem de nossa disciplina (Gupta & Ferguson 2000), também são observados além dos muros das universidades: nas falas dos pesquisadores que adentram as fronteiras e nos “nativos” que também se posicionam como porta-vozes das especificidades do lugar. Para refletir sobre a relação entre a alteridade e o cosmopolitismo da fronteira, posso tomar como parâmetro as variáveis espaciais de localização. Saliento a

necessidade de inversão do sentido do eixo que separa as metrópoles das cidades pequenas, ou seja, não de pensar, apenas, o outro no caminho das grandes cidades, mas também no sentido oposto. Isso significa romper com uma ideia de fixação da cultura e compreender a formação de quaisquer cidades como resultado de fluxos de pessoas, portanto, como produtos que emergem das fronteiras da cultura, antes de tudo. Em outros termos, ultrapassar uma compreensão de fronteira geográfica para as próprias fronteiras da cultura. Nas palavras de Barth (2000) significaria focalizar as fronteiras sociais, por mais que se materializem no território. Para ele:

Os grupos étnicos não são apenas ou necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos; e as diferentes maneiras através das quais eles são mantidos, não só as formas de recrutamento definitivo como também os modos de expressão e validação contínuas, devem ser analisados. Além disso, a fronteira étnica canaliza a vida social. Ela implica uma organização, na maior parte das vezes bastante complexa, do comportamento e das relações sociais (Barth 2000:34).

Assim, compreendo que embora exista uma ideia que ratifica a Região Norte como fronteira geográfica e/ou frente pioneira, as formas de recrutamento, as relações sociais e os modos de expressão cultural ultrapassam essa primeira impressão, mais homogeneizante, e evidenciam um conjunto de fronteiras internas que parecem desenhar um tipo de mosaico nacional manifestado

nesses lugares observados. Por isso, incomum seria não notar os cosmopolitismos e pluralidades que marcam as formações urbanas nesses lugares, já que esses dois aspectos são pungentes na vida cotidiana de Rorainópolis e Boa Vista.

3 AS FRONTEIRAS GEOGRÁFICAS E A CULTURA

Para Martins (2018), um dos elementos mais ricos e de grande potencial analítico que pode ser explorado nas fronteiras brasileiras são as situações de conflito social. Por esse viés, o autor compreende a fronteira como o lugar da alteridade. Se a alteridade, como refleti anteriormente, classificava o outro em relação ao distanciamento e familiaridade do pesquisador (exótica, proximidade extrema, próximo etc.), a expressão fronteira também faz referências aos locais de onde se percebe o lugar. Martins (2018) observa que o empresariado tende a classificar as fronteiras geográficas de acordo com a ideia de frente pioneira, enquanto os antropólogos a entenderiam como frente de expansão. De modo similar à interpretação de Escobar (2005), posso dizer que, no primeiro caso, a compreensão toma a ideia de

espaço como potencialidade econômica, enquanto no segundo a fronteira seria compreendida como “lugar”, marcada por relações de territorialização, culturas e trazendo à tona os atores sociais, suas práticas e relações com a natureza.

Nas áreas destacadas em amarelo (Imagem 6) é possível verificar a existência dos córregos e de um tipo de urbanização que parece ser marcado pelo “semeamento” (Holanda 1995) de casas que avançam e se tensionam com a drenagem natural que marca os caminhos das águas naquele lugar⁸. Ao mesmo tempo, a imagem mostra uma fatura de água que explicaria a existência de 11 poços tubulares distribuídos em quase todos os 13 bairros da cidade (Silva 2018). Durante o segundo semestre de 2012, a influência das águas e do calor era perceptível no mato verde e na umidade de alagadiços das ruas. Em 2017, a relação entre urbanização e natureza pode ser interpretada por meio de notícias como “Enchente em igarapé desaloja vários moradores na cidade de Rorainópolis (Folha de Boa Vista, 28/09/2017)⁹ ou “Em Rorainópolis, moradores também enfrentam ruas alagadas” (Folha de Boa Vista, 04/07/2017)¹⁰

8 Para Buarque (1995), a forma de relação com a natureza seria um ponto decisivo para interpretar as formas de colonização. Para ele, os ladrilhadores seriam aqueles que modificam a natureza de forma radical para impor a materialização do discurso moderno, enquanto os semeadores seriam os que se adaptam e se acomodam às formas da natureza, sem a realização de grandes projetos ou investimentos na urbanização.

9 <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Interior/Enchente-em-igarape-desaloja-varios-moradores-na-cidade-de-Rorainopolis/32696>.

10 <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Interior/Em-Rorainopolis--moradores-tambem-enfrentam-ruas-alagadas/30002>.



Imagem 6 - Rorainópolis e seus córregos. Fonte: Google Earth 2021.

No círculo vermelho (Imagem 6) é possível ver um córrego no bairro do Andaraí. A influência da água pode ser observada na maneira como emanava de alguns trechos da via pública e pela faixa verde de vegetação que deixa, por onde passa, como é possível verificar na imagem 7.

Provavelmente esse quadro deve ser contextualizado dentro da história do crescimento da cidade, pois a partir da segunda metade de década de 1990 iniciou-se o seu processo de expansão sobre as áreas dos córregos. O local de instalação da cidade pode ser compreendido como algo violento, tendo início ao lado do rio Chico Reis¹¹ e espalhando-se por toda a extensão de sua

bacia hidrográfica próxima à nascente desse rio, que por sua vez já nasce agredido.

A criação do município ocorreu em 1995, três anos antes da construção da BR-174 que liga Manaus a Boa Vista, *pela* Lei Estadual nº 100, de 17 de outubro de 1995. A cidade também é conhecida por seus moradores mais antigos como a “Vila do Inkra”. Rorainópolis recebe esse apelido, pois as primeiras ocupações do lugar, ocorridas na década de 1970, foram estimuladas por um projeto de colonização capitaneado pelo *Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Inkra)*. *Acredita-se que* esse tipo de estímulo tenha influenciado a característica rural preponderante no município.

11 A ironia da expansão é que o nome do rio foi dado em homenagem ao Senhor Francisco Carvalho Duarte, considerado o primeiro morador da cidade. Segundo Oliveira (2014), ele chegou a Rorainópolis em 1976, junto com o amigo João de Sousa Rosa, que trabalhava na construção da BR-174. A BR foi considerada por eles o embrião da cidade.



Imagem 7- Córrego e influência da água no bairro do Andaraí. Fotos: do autor, 2012.

Sobre as características demográficas relacionadas à expansão dos bairros, no seu primeiro censo, em 1991, o município contabilizava 5.496 habitantes, dos quais 1.457 viviam na zona urbana e 4.039 na área rural. Cinco anos depois, a população atingiu o número de 7.544, distribuídos, respectivamente entre 2.712 habitantes da zona urbana e 4.832 da zona rural (Pereira 2012). Por meio da base de dados do *Sistema IBGE de Recuperação*

*Automática (Sidra)*¹², tive acesso aos dados do Censo 2010 e verifiquei que a população total do município continuou crescendo nas décadas posteriores atingindo um total de 12.664 e 19.201 habitantes nos anos de 2000 e 2010. De forma similar, a população urbana seguiu no mesmo movimento de crescimento como demonstra a tabela 1.

12 Disponível no site <https://sidra.ibge.gov.br/>. Dados extraídos a partir da tabela 616: Pessoas de 10 anos ou mais por grupos de idade, condição de atividade na semana de referência, sexo e situação do domicílio.

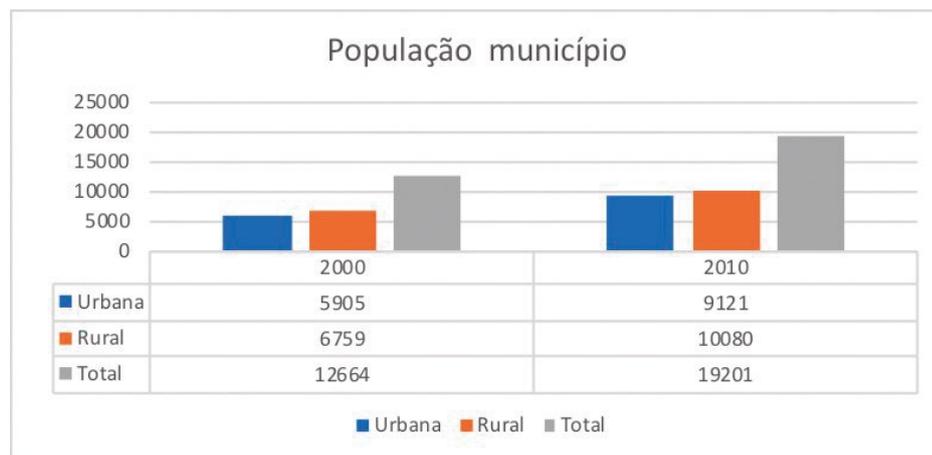


Tabela 1- População urbana e rural de Rorainópolis. Fonte: IBGE, 2010.

Embora verifique-se um crescimento populacional ao longo das décadas, Rorainópolis destaca-se desde seus primeiros anos de criação. Como nota Nascimento (2005), o lugar foi citado como o “Eldorado Brasileiro”¹³. O projeto de colonização ligado à Vila do Incra representou o imaginário da colonização relacionado à riqueza e oportunidades que poderiam emanar de um lugar incrustado no meio da Floresta Amazônica.

No processo migratório que compunha o município, destacam-se o estado do Amazonas e uma migração interna (por município) dentro do próprio estado de Roraima: dos 10.433 habitantes provenientes da migração interna da região, 8.405 eram desses dois estados em 2000. Já quando se fala da migração nordestina, o destaque é para o estado do Maranhão, pois dos 10.433 nordestinos residentes no município, 4.485 eram maranhenses, entre os anos de 2000 e 2010.

Em 2010 ocorreu uma queda no número de maranhenses (4.379 habitantes), mas houve uma incursão de pessoas de outros estados, como Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, que resultou no aumento total para 16.822 habitantes emigrantes da Região Nordeste. Sobre possíveis interpretações locais para esses dados, encontrou-se o estudo de Oliveira (2005), que destaca o papel dos migrantes na composição urbana de Rorainópolis. Segundo ele:

A origem da população da área urbana de Rorainópolis, bem como do município como um todo, a maioria é constituída por nordestinos, tendo o Estado do Maranhão como destaque no âmbito migratório, assim como os representantes políticos, como vereadores e prefeitos. Contudo, percebeu-se a tímida representação de políticos roraimenses, entre os que assumiram cargo eletivo, sendo apenas 9% de vereadores roraimenses e nenhum prefeito eleito para o executivo municipal (Oliveira 2019: 17).

13 A citação ocorreu na edição da revista *Veja* publicada em 4 de agosto de 1999.

Seguindo nesse argumento de observar a presença migrante na política, o pesquisador verificou que entre 1997 e 2016, a cidade teve seis prefeitos migrantes, dos quais cinco eram nordestinos e o primeiro deles, originário da Região Sul. Tais dados e interpretações têm ligação direta com a experiência vivenciada em 2012, na qual alunos e colegas falavam, em tom jocoso, que todo mundo tinha um pai ou avô maranhense em Rorainópolis. Nas caminhadas pela cidade era possível notar certo cosmopolitismo, pois se tratava de uma cidade na qual “é possível almoçar em restaurante cujo proprietário é cearense, solicitar internet para um microempresário gaúcho e fazer compras de casa no supermercado de um baiano” (Pereira 2012:170).

O nome das ruas e dos comércios fazia menção direta a esse processo migratório e às referências nacionais, regionais e locais que se mesclavam na construção de uma representação de lugar e de identidade. As avenidas Dra. Yandara, Ayrton Senna e Tancredo Neves, que fazem referência, respectivamente, à primeira médica da cidade, Maria Yandara, ao brasileiro campeão mundial de automobilismo e ao primeiro presidente civil após a ditadura militar. Existem, também, comércios, como Mercantil do Goiás, Lojão Tocantins, Cuiabano Café. Da mesma forma, observando o quadro profissional do campus da Universidade

Estadual de Roraima, implementada localmente em 2007, verifiquei que existiam professores e técnicos de São Paulo, Sergipe, Paraíba, Tocantins, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Pernambuco, Maranhão e Amazonas.

Na imagem 8 é possível observar (da esquerda para a direita e de cima para baixo) as avenidas Dra. Yandara, Ayrton Senna e a rua Ulisses Guimarães de um lado, e Dra. Yandara e Ayrton Senna de outro. Se o delinear das ruas se entrecruzava com o traçado dos córregos, a experiência das caminhadas revelou ruas relativamente vazias que caracterizam uma cidade nova, na qual o espaço não é um problema. Os comércios e pessoas, embora comuns em qualquer lugar de concentração, revelam uma vida cotidiana de fartura de madeira que pode ser observada em postes, cercas, casas e ornamentações na cidade. Nas ruas de Rorainópolis é possível ouvir diferentes sotaques e relatos sobre as motivações e expectativas dos migrantes que transitam pelos comércios e ruas da cidade.

Embora com fluxos de pessoas e carros que sinalizam um tempo lento, distante dos centímetros e minutos disputados nos engarramentos das grandes metrópoles, esse lugar já nasce cosmopolita e assim tem se desenvolvido, ao longo dos anos, com o recebimento de contingentes populacionais de diversas partes do país.



Imagem 8 - Ruas de Rorainópolis. Fotos: Do autor, 2012.

Tais observações denotam que a análise da cidade de Rorainópolis como uma unidade autocontida seria grandemente limitadora. O processo de existência e diversidade cultural emergente dessas ligações, fluxos e dos encontros propiciados na fronteira direciona a outra interpretação. Quando se tenta associar ou fixar qualquer qualidade à cidade interiorana, na verdade, se está caracterizando o resultado desses fluxos migratórios, ou seja, falando de pessoas que se deslocam e levam consigo suas antigas

referências, que são postas, negociadas, negadas de acordo com os cenários socialmente construídos.

Por esse caminho seria possível desnaturalizar estigmas e uma ideia de cultura urbana fixa para pensá-la nos termos de Barth (2005), que considera importante romper com o modelo que toma a cultura e a diferença por meio do contraste entre nós e os outros. Assim, Barth (2005) defende a necessidade de não pensar a cultura como uma unidade autocontida, organizada e isolada em relação às outras unidades, ou seja, opondo-se à

ideia de cultura como uma espécie de mosaico a ser aplicado nos mais diferentes tipos de mapas.

Para o autor é preciso compreender onde a cultura está sendo (re)produzida, já que é gerada por meio de experiências e aprendizados das pessoas. Por isso, não se trataria de um fenômeno estático, sedimentado, mas de um fluxo constante que resulta das interações dos agentes e da própria diversidade cultural no interior (e exterior) do grupo étnico. Se no âmbito da escala microanalítica nota-se que a cultura e a etnicidade do grupo não são naturais, mas moldadas socialmente, em outras escalas também ocorrem processos de mobilização e construção política das culturas nacionais e regionais (Bourdieu 1989). Nesse sentido, as *comunidades imaginadas e as tradições inventadas* (Anderson apud Hall 2001, Gupta & Ferguson 2000) trazem um conjunto de práticas, âncoras simbólicas fundamentais na construção de uma narrativa de nação. Tais aspectos permitem tanto questionar como diferenças regionais e étnicas são subordinadas a um teto político quanto compreender como determinados grupos de migrantes se organizam em locais distantes de suas origens geográficas.

Esses fluxos da experiência migrante e as comunidades imaginadas podem ser sinalizados em dois exemplos ligados a manifestações culturais que ocorrem no Sul e no Nordeste. Observei que em 11 de agosto de 2012 iniciou-se um processo associativo em torno de um centro de tradições gaúchas chamado Querência do Sul. Em 20 de dezembro daquele mesmo ano, o centro obteve um CNPJ¹⁴ relacionado a “atividades de organizações associativas ligadas a cultura e arte”. No fim do primeiro ano de existência, o aniversário do CTG foi comemorado com o “bailão gaúcho”. Foram anunciadas apresentações de invernadas mirins, participação do CTG de Boa Vista e apresentação da banda Raça Campeira¹⁵, do Paraná. A organização promovia, ainda, um curso de dança de salão gaúcha e, a partir de 22 de fevereiro de 2013, passou a expressar-se nas redes sociais por meio de uma página¹⁶.

Desde o ano de 2008 ocorre um arraial junino na cidade conhecido como “Arraianópolis”. A festa congrega a simbologia e danças do São João nordestino. No evento realizado em 2016 foram mobilizadas quadrilhas das cidades de Mucajaí, Boa Vista e Caracaraí, resultado de uma articulação que

14 <https://consultas.plus/lista-de-empresas/oraima/orainopolis/17359777000140-centro-de-tradicoes-gauchas-querencia-do-sul/>.

15 <http://www.paginadogaicho.com.br/musi/grup/g-rc.htm>.

16 <https://www.facebook.com/ctg.querenciadosul>.

contou com apoio do governo do estado. Segundo a Secretária Municipal de Educação, Iderlância dos Prazeres, “para nós e para o município é muito importante, nós preservamos a nossa cultura”¹⁷. Em filmagens da edição 9, em 2017, ocorreu a apresentação do bumba-meu-boi maranhense¹⁸, o que possibilitou um tipo de ancoragem que, tal como o consumo de chimarrão, liga os migrantes aos lugares de origem, constituindo uma simbologia necessária para a formação das comunidades imaginadas.



Imagem 9 - Arraiánópolis de 2019.
Foto; Prefeitura de Rorainópolis, 2019¹⁹.



Imagem 10 - Invernada no Bailão Gaúcho.
Foto: Foto: página do CTG, 2013²⁰.

O estudo de Souza (2018) relata o I Encontro de Mestres da Cultura Popular de Matriz Maranhense, ocorrido em dezembro de 2015, na comunidade de São Raimundo Nonato, em Boa Vista. Segundo a descrição, na ocasião foi possível ter contato com o “seu” Zé da Viola de Rorainópolis acompanhado do seu grupo de Reisada²¹. Em 2017, Zé Viola recebeu da Assembleia Legislativa a comenda Orgulho de Roraima²²

José Lima dos Santos, popularmente conhecido como Zé da Viola, é agricultor em Rorainópolis e lá desenvolve um festejo tradicional, o Reisada, entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro, desde 1998. Tudo começou

17 <https://www.youtube.com/watch?v=87epBLThLc4>.

18 <https://www.youtube.com/watch?v=wiHpyYZ2AEo>.

19 <https://www.facebook.com/prefrorainopolis/photos/pcb.610362802704817/610359999371764>.

20 <https://www.facebook.com/photo?fbid=186509114869685&set=pb.100005317923194.-2207520000>.

21 <https://www.youtube.com/watch?v=CZvqKbFXcZk>.

22 <https://al.rr.leg.br/2017/08/22/personalidades-que-lutam-pela-igualdade-racial-recebem-comenda-orgulho-de-roraima/>.

quando a mulher dele adoeceu, então ele decidiu fazer uma promessa para o Santo Reis, caso houvesse a cura, anualmente ele cantaria pelas ruas da cidade ao som de viola. A mulher curou do que seria uma gastrite, então há quase 20 anos, Zé da Viola anima os moradores do Sul do Estado com a Reisada (AL-RR, 2017).

Notícias como “Comunidade realiza caminhada da reisada em Rorainópolis”, publicada no jornal *Folha de Boa Vista* (5/1/2017)²³, reforçam a ideia de que o festejo tem sido produzido há mais de 15 anos na cidade e, ainda, que o grupo de Reisado caminha e passa pelas casas da comunidade, trajando roupas muito coloridas, chapéus, fitas e espelinhos enquanto canta canções de louvação. O autor complementa que o mestre maranhense Zé Viola migrou e passou a juventude em São Domingos do Araguaia (PA), onde foi iniciado por uma família de brincantes. Ele é repentista e conhecedor das brincadeiras de Lindô, Mangaba²⁴ e de todas de sotaque maranhense.

Esses dois casos citados brevemente são ilustrativos dos fluxos simbólicos e da heterogeneidade que compõem a cultura de Rorainópolis. O encontro entre os diferentes orienta a ideia de fronteira elaborada por Martins (2018) como lugar de encontro com o outro. Nesses contatos, os processos sociais de invisibilidade e

visibilidade são fundamentais para compreender as produções identitárias enquanto um campo de relações de poder (Bourdieu 1989), ou seja, todos os esforços dos agentes e associações narrados até então tendem a institucionalizar a identidade por meio de discursos performativos que reforçam a diferença. Há, assim, uma espécie de luta de classificação que impõe visões do mundo social ligadas a uma ideia de cultura singular e fixa.

Se os dois grupos citados caracterizam as diferenças e marcam esses processos de visibilidade e institucionalização, o mesmo não se poderia falar das populações indígenas que praticamente não aparecem na cidade de Rorainópolis. Embora eu tenha observado grandes manifestações políticas, como a Marcha dos Povos Indígenas na capital do estado, durante a experiência em Rorainópolis não foi possível presenciar nenhuma manifestação relativa aos povos dessa origem.

Segundo os dados do Ibge (2010), o município conta com um total de 538 indígenas, dos quais apenas 18 vivem na área urbana e os restantes 520, na área rural. Vale ressaltar que a população total da área urbana naquele ano era de 10.673 e a rural, de 13.606, ou seja, nessa cidade incrustada no meio da floresta amazônica, a população indígena não chegou a representar nem 2% do total

23 <https://folhabv.com.br/noticia/Comunidade-realiza-caminhada-da-Reisada-em-Rorainopolis/24081>.

24 <https://www.youtube.com/watch?v=ehyKOo5UL6A>.

populacional. Andando pelas ruas de Rorainópolis é possível compreender parte desse afastamento, quando notei a estrutura madeireira da cidade expressa nos caminhões velhos e sem placas transitando com toras gigantescas de árvores centenárias. A influência dos madeireiros pode ser observada nas declarações do próprio Secretário de Meio Ambiente do município, Diego Salomão, concedidas ao jornal Folha de Boa Vista:

O secretário municipal acrescentou que o setor é de suma importância para a região por gerar cerca de dois mil empregos diretos e indiretos em Rorainópolis, sendo considerado o **“carro-chefe” do município**. Salomão **afirma que quando o setor madeireiro está em crise, o município todo sofre. “O dinheiro não circula no comércio, é uma reação em cadeia, um efeito dominó**. O município não tem condição de empregar todo mundo aqui”, completou. Salomão afirma ainda que a Prefeitura de Rorainópolis vai se reunir com os representantes da Associação dos Madeireiros no município para obter maiores informações sobre o caso e saber qual medida pode ser tomada a respeito. (Folha de Boa Vista 2019)²⁵.

Por outro lado, os indígenas eram motivo de escárnio no cotidiano por parte dos moradores. Em certa ocasião, um interlocutor me dizia que os índios eram burros porque não compreendiam

os tratores dos madeireiros e atiravam pedras contra os faróis. Argumentei com meu interlocutor ao levantar a seguinte questão: “Já parou para pensar que sem luz os tratoristas teriam dificuldade de adentrar a floresta fechada ou de executar ações durante a noite?”. Os faróis poderiam simbolizar os próprios olhos de quem opera a máquina. Buscando mais informações sobre o lugar, encontrei dados como: “Setor madeireiro é alvo de operação em Rorainópolis”²⁶, “Ibama multa em R\$ 15 milhões responsáveis por extração ilegal de madeira em terra indígena de Roraima”²⁷ e “FUNAI anuncia surgimento de nova tribo e ameaça retirar produtores”²⁸. Tratam-se de dados que evidenciam uma representação coletiva sobre a questão indígena e refletem o conflito entre produtores rurais e madeireiros.

A dimensão do conflito era visível não apenas na relação com o outro, caracterizada nos atores sociais citados e seus respectivos lugares ligados à natureza local, seja como reserva ou lugar de cultivo e exploração, seja no centro urbano, onde realizei a observação. Na cidade, a violência pode ser compreendida por meio dos dados da 3ª

25 <https://folhabv.com.br/noticia/Setor-madeireiro-e-alvo-de-operacao-em-Rorainopolis/49887..>

26 <https://folhabv.com.br/noticia/Setor-madeireiro-e-alvo-de-operacao-em-Rorainopolis/49887.>

27 <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/ibama-multa-em-r-15-milhoes-responsaveis-por-extracao-ilegal-de-madeira-em-terra-indigena-de-roraima.ghtml>.

28 <https://folhabv.com.br/noticia/Funai-anuncia-surgimento-de-nova-tribo-e-ameaca-retirar-produtores/2401.>

Companhia Independente de Polícia Militar e da Secretaria Municipal de Saúde de Rorainópolis (SEMSA) que revelam que, nos anos de 2010 e 2011, foram registradas, respectivamente, 416 e 430 ocorrências policiais espalhadas pelos bairros da cidade. Esses sinais mostram que a cidade se constitui no contexto do conflito e da alteridade, traduzindo-se em uma espécie de fronteira que

À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. **Mas, o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos.** O desencontro na fronteira é o desencontro de **temporalidades históricas**, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História. (Martins 2018: 133, grifos do autor).

Assim, com diferença de tempos, de relação com a natureza, de percepção de mundo e cultura, seguiram os movimentos dos habitantes de Rorainópolis, e que, tal como diz Barth (2005), marcam uma ideia de identidade que só pode ser compreendida no fluxo das experiências das pessoas. Talvez por isso, o projeto de colonização do Incra tenha se urbanizado cada vez mais e se tornado mais heterogêneo ao longo dos anos. O lugar é caracterizado por cosmopolitismo de

fronteira (Agier 2016) que se manifesta na própria ideia de frente em expansão de Martins (2018), portanto, gera a demarcação de fronteiras étnicas de grupos que se (re)conhecem nesses contextos fronteiriços de relações sociais.

4 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Partindo da perspectiva da fronteira como experiência marcada pela alteridade, foi possível iniciar um esforço voltado à desnaturalização da ideia de cultura como algo fixo e passível de ser mapeado enquanto unidade autocontida. Os cosmopolitismos nas fronteiras incitam um processo de interpretação da cultura e das cidades de forma criativa, plural e dinâmica. Nesse sentido, pesquisas que pretendam compreender as dinâmicas da cultura nas cidades da Região Norte do país veem-se imersas nos caminhos e fluxos da população por meio da trajetória de seus habitantes. Portanto, a valorização da experiência pode ser um caminho fundamental para a ruptura de obstáculos epistemológicos que ofuscam a observação sobre as relações de poder existentes nas classificações fixas e estatizantes da cultura. Valorizar a experiência e o campo significa uma possibilidade de criatividade, nos dizeres de Wagner (2012).

A diversidade pode ser considerada um ponto de partida para a interpretação das cidades do

Norte, pois, como verificado, o cosmopolitismo tão atribuído às grandes metrópoles também é uma característica explícita na forma de ocupação e construção da cidade amazônica na qual realizei observações. Indo dos aspectos históricos e estruturais à experiência cotidiana, notei diversas formas de expressão do cosmopolitismo de fronteira: desde os dados das migrações, passando pelas manifestações culturais e monumentos até as frases e situações rotineiras.

A noção de distância e aproximação, embora seja aplicada à compreensão das hierarquias de cidades no Brasil, subvertem, no âmbito social,

a lógica cartesiana espacial, possibilitando a (re)construção criativa de paisagens urbanas desenvolvidas de acordo com as dinâmicas dos grupos migrantes. Isso porque, mais que separar, as fronteiras geográficas e humanas, distanciamentos e aproximações constituem condições de contato, e por isso de encontro com o outro. Dessa forma, observei que a noção de fronteira transita entre dois polos: entre distâncias geográficas e as relações étnicas experienciadas cotidianamente nas cidades, sinalizando que a cultura é produtora das fronteiras étnicas e das percepções a respeito das possibilidades geográficas do lugar.

REFERÊNCIAS

- Barth, Fredrik. 2005. Etnicidade e o conceito de cultura. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*. 19 15-30.
- Barth, Fredrik. 2000. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria.
- Bourdieu, Pierre. 1989. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel. pp. 107-132.
- Escobar, Arturo. 2005. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento, in *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais*. Organizado por Landier, Edgardo. pp.133-168. Buenos Aires: CLACSO.
- Gupta, Akhil e Ferguson, J. 2000. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença, in *O Espaço da diferença*. Organizado por Arantes, A. Augusto. pp. 30-49. Campinas: Papyrus.

- Holanda, Sérgio Buarque de. [1936] 1995. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Malinowski, Bronislaw. 1984. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural. pp.17-37.
- Martins, José de Souza. 2018. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Editora Contexto.
- Nascimento, Antonio de Souza. 2013. Juventude Rural na Amazônia: mobilidade de jovens rurais entre o lote e a sede de Rorainópolis/RR. *Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE* 2(3): 49-70.
- Oliveira, Roniel Vitor de. 2014. O papel do migrante como sujeito da genealogia e dinâmica urbana do município de Rorainópolis. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, BR.
- Peirano, Mariza. 2000. A alteridade em contexto: a Antropologia como ciência social no Brasil. *Dan* 255.
- Pereira, Jesus Marmanillo. 2012. Lógicas imagéticas de uma sociedade interiorana: usos da fotografia e narrativa visual no Brasil setentrional. *Iluminuras* 13 (31): 157-176.
- Trombini, M. M. S. L.; Rocha Silva, Mônica A., Lima, F. S. 2020. Avaliação do Programa Reuni em Universidades Federais do Brasil. *Humanidades & Inovação* 7: 98-105.
- Simmel, Georg. 1983. O estrangeiro, in *Simmel: sociologia*. Organizado por Moraes, E.F. pp.182-189. São Paulo: Editora Ática.
- Wagner, Roy. 2012. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify. pp. 69-106.

